

O modelismo distingue-se do artesanato naval pela utilização de escala e pelo estudo prévio de iconografia histórica, documentos antigos, fotografias ou até mesmo in loco (Figura 7).

Atualmente é utilizado como forma de resguardar a memória das embarcações que já não existem mais.

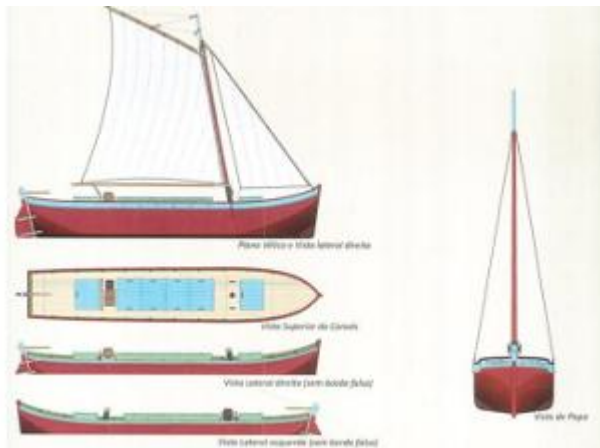


Figura 7 – Projeto da canoa de convés, desenho de Lucas Delgado.
Fonte: Pereira Junior (2005).

Segundo Garrido (2011), as culturas marítimas alimentam-se de objetos e de imaginários. Desde que as sociedades deixaram de lado uma relação física com o mar, a produção de memórias passou a ter um papel importante na compensação de um sentimento geral de perda. É por isso que os modelos em miniatura de embarcações ganharam uma grande importância na história.

O modelismo naval é atualmente o modo mais barato e viável para reprodução de modelos, pois as restrições ambientais impedem a reprodução de algumas dessas embarcações em tamanho real e pela falta de pessoas com o saber necessário. Com as tecnologias atuais as profissões que exigem trabalhos manuais estão acabando, portanto o modelismo naval também é uma arte escassa e rara.

Os principais nomes da história voltados a essa prática, são Antônio Alves Câmara, Almirante Pâris e Henrique Maufroy de Seixas.

Antônio Alves Câmara, principal nome no Brasil, listou em um trabalho datado de 1888, as embarcações indígenas do Brasil, resultado de

observações próprias, informações e leituras (Figura 8). O autor descreve as características das embarcações, fatos históricos, costumes e usos, juntamente com algumas poesias ou estrofes que se referem à embarcação em questão.



Figura 8 – Ilustração de Alves Câmara.
Fonte: Câmara (2010).

Segundo Câmara (2010), é muito comum conservarem-se os vestígios de edifícios e cidades destruídas ou soterradas, as embarcações não. Pois é feito de madeira, servindo até não poder mais navegar, sendo aproveitado ainda como material em outras obras, ou reduzido às cinzas, ou entregues a ação destruidora do tempo. E é por isso que até mesmo a origem da navegação, bem como a data dos tempos pré-históricos, é ainda hoje obscura e problemática, e sobre elas se tem feito conjecturas e fantasias.

Nota-se que na época em que o livro foi escrito, Câmara (2010) já mostrava preocupação em relação ao desaparecimento dessas embarcações, sua história e memória:

Assim no mundo, assim em nosso país, cuja história das construções a não ser de algumas canoas e jangadas, nada mais se conhece. Por isso nos afigura de utilidade a publicação de uma memória histórica e descritiva da construção naval indígena do Brasil, mostrando o que se conhece do passado, e do desconhecido tomando a atualidade para ponto de partida, memória essa, que servirá de incentivo a estudos minuciosos e corretos, e de guardar tradições desses usos e costumes, que poderiam para o futuro ser completamente modificados e até esquecidos como nos parece já estar a origem de tais construções [...] [9]